

Psicanálise e família

PEDRO LUZES *

Antes do fim do século XIX, o estudo da família só é conseguido na literatura. Primeiro na literatura teatral (drama e comédia) que vêm desde os antigos Gregos através de Shakespeare até Corneille, Racine, Molière. Depois com o aparecimento do romance no século XVIII surgem descrições mais ou menos realistas sobre a família em Balzac, Dickens, Thackeray, Zola, Eça de Queiroz.

O século XIX é o século em que se desenvolvem as ciências humanas segundo um programa rigoroso. É também a época em que predominam as interrogações acerca das origens e do transformismo: os problemas que serão estudados na família serão por isso abordados através de material histórico folclórico, etnográfico. Interessava sobretudo saber a estrutura e funcionamento das famílias primitivas. As modernas formas de evolução da família não eram consideradas dignas de interesse, visto que o conhecimento dos primórdios iria revelar a natureza do produto final.

Dentro desta orientação procura saber-se se as famílias eram inicialmente promíscuas ou monogâmicas. Se haveria predomínio matriarcal ou patriarcal, as formas familiares de transmissão cultural, etc.

A Psicanálise nos seus inícios com Freud não se afastou totalmente da problemática do tempo. As questões referentes às origens, os problemas do matriarcado *versus* patriarcado, as investigações etnográficas, não foram negligenciadas. Foram abordadas por Freud em *Totem e Tabu*, *Mal estar na Civilização* e outras das suas obras de carácter mais especulativo. Também discípulos seus como G. Roheim, A. Kardiner, procuraram investigar hipóteses específicas através de um trabalho de campo junto de populações não tocadas pela civilização.

Mas mais importante que isso foi a abordagem que Freud fez da família contemporânea, em condições económicas e sociais consideradas satisfatórias. Esta orientação foi criticada por recusar uma perspectiva com recuo histórico e limitar-se a observações de famílias de um certo extracto social e do meio urbano civilizado de Viena. E mais foi censurado a Freud o ter depois ousado extrapolar essas conclusões para outras famílias e sociedades.

Outras das características do final do século XIX e dos princípios do século XX foi a preocupação social e filantrópica que levou ao estudo de famílias, que por motivo de pobreza tendiam a desagregar-se ou a engendrar novas formas de coabitação. Estes estudos trouxeram resultados valiosos do ponto de vista da sociologia ou da psicologia comparativa. O ter

* Psicanalista. Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Presidente da Associação Portuguesa de Psicologia.

examinado famílias que lhe eram directamente acessíveis e famílias que *não* eram afectadas por grandes males sociais — grupos atrasados culturalmente ou de extrema patologia — não foi porém um inconveniente de método psicanalítico. O meio familiar que Freud procurou compreender e descrever através do seu método clínico era o de famílias que apresentavam, mesmo assim, problemas afectivos e de convívio, mas que eram mais acessíveis a uma abordagem científica, pois a gravidade dos seus distúrbios não era de molde a destruir o padrão que se pretendia estudar.

Além disso o método de Freud tinha a vantagem de tomar como ponto de partida casos de pessoas, acerca das quais muito se sabia. Os estudos feitos sobre personagens anónimas de quem não se conhece a personalidade ou as circunstâncias, pouco permitem descobrir acerca das razões dos seus comportamentos ou atitudes. Acumular questionários ou investigações sobre centenas ou milhares de casos, embora pareça relevante por causa de uma elevada casuística, não revela senão aspectos superficiais ao investigador.

O facto da investigação psicanalítica se fazer à base de estudos individuais não é impedimento para a avaliação das condições familiares. O indivíduo forma dentro de si um modelo de interrelação aprendido no meio familiar, que depois é reproduzido em várias outras relações. Principalmente na relação transferencial em que os elementos históricos e as fantasias interessando os diferentes membros da família são revividos.

Este enaltecimento da obra de Freud e da técnica que ele empregou não significa que outros procedimentos psicológicos ou sociológicos não devam ser aplicados ao estudo da família. É necessário avaliar o modo como as famílias estrutural e funcionalmente se relacionam com uma organização social mais complexa. Esta é definida por estruturas económicas e de produção, estruturas de agregados

sociais mais vastos, como comunidades localizadas ou mesmo nações, relação da família com o Estado, como entidade supra-individual governando as grandes massas humanas, etc. Mesmo nestes casos, essas interrelações com outras estruturas sociais ganham em ser consideradas, para o seu aprofundamento, não somente seguindo técnicas exclusivamente sociológicas, mas igualmente de acordo com a perspectiva e os conceitos biológicos e psicológicos que a Psicanálise é capaz de fornecer.

As transformações da organização familiar ao longo dos séculos são muito menores do que foi descrito até há pouco. Era habitual distinguir uma família nuclear implicando genitores e seus filhos, da família consanguínea que incluía várias gerações e membros colaterais dos diferentes indivíduos da família nuclear. Foi aceite até recentemente que a industrialização veio suprimir a família consanguínea e o seu domínio sobre a família nuclear. No entanto, ultimamente os estudos da sociologia histórica têm mostrado que a família de tipo clã que é suposto ter existido antes da época industrial era um mito. O que foi descrito como sendo um agrupamento de várias gerações vivendo debaixo do mesmo tecto, capaz de ajudar o desenvolvimento dos jovens mesmo depois de casados, garantir os velhos contra a solidão sobretudo depois de ficarem viúvos, só excepcionalmente existiu. Nas comunidades civilizadas era raro haver mais de um casal no mesmo lar; os filhos casados quase nunca viviam com os pais. O que tornava as famílias maiores era a quantidade de criados ou servidores que viviam junto da família. Estes, sim, tenderam a desaparecer com o desenvolvimento do trabalho industrial. A quantidade dos filhos não era muito maior nas famílias antigas, do que nas famílias actuais, devido à maior mortalidade infantil. E a protecção dos órfãos, viúvos, dos parentes pobres, recaiu sempre muito mais sobre a colectividade do que sobre a família consanguínea.

Depois destes preliminares considerarei os campos mais directamente acessíveis à investigação psicanalítica. Estes são essencialmente três: interacção dentro do grupo familiar, desenvolvimento da personalidade, desempenho de certos papéis estruturados no seio do grupo familiar que preparam para os papéis sociais.

A família é uma das manifestações essenciais do impulso sexual, seja na sua forma directa de atracção entre os sexos — que leva ao casamento ou a outras formas de união mais ou menos permanente — seja na sua forma mais sublimada de instinto reprodutivo e de cuidados consagrados aos descendentes. As manifestações do instinto de auto-conservação, por exemplo através da procura de alimentos, do instinto gregário que leva o homem a procurar a proximidade do seu semelhante, desempenham na constituição da família um papel muito mais secundário. É o impulso sexual que, segundo a psicanálise, vai emprestar ao agregado familiar o seu dinamismo que muitas vezes se poderá tornar explosivo. O dinamismo de carácter sexual que anima as interacções familiares é demonstrável pelas *fantasias*, quer dizer: cenários ou dramatizações de carácter fantástico vividas primeiro no Inconsciente infantil para depois se actualizarem em versões atenuadas que impregnaram toda a vida afectiva futura.

Entre as fantasias que marcam o desenvolvimento infantil duas foram consideradas como especialmente importantes: a da cena primária e a da castração. A cena primária (também chamada primitiva) diz respeito às relações sexuais dos pais, que foram realmente vistas ou ouvidas durante a infância, ou só imaginadas. Esta cena primária fica como protótipo de tudo o que é incompreensível da vida dos adultos (o que fazem realmente os pais quando estão sozinhos no seu quarto). Mais tarde quando surgem os impulsos sexuais da adolescência esta cena é melhor apreendida, mas devido aos afectos de ciúme e desejo que são activados simultaneamente o seu esclarecimento completo pode continuar em suspenso.

Os enigmas da Esfinge que Édipo aparentemente resolveu, os mitos cosmogónicos dos antigos e primitivos, são derivados culturais da cena primária. A Esfinge pergunta a Édipo qual o animal que sucessivamente anda sobre quatro patas, sobre duas e sobre três. Este animal é algo mais do que «o homem». É uma figuração do casal: o animal a quatro patas é o casal unido no coito (animal de quatro patas e duas costas, como diz Rabelais), o com três patas o homem com o seu atributo fálico, e com duas patas a mulher.

Nos mitos cosmogónicos há quase sempre uma separação forçada e titânica de uma Terra e de um Céu, primitiva e permanentemente colados. O Céu e a Terra adquirem depois significados masculinos e femininos, paternos e maternos, com uma interacção descontínua destinada a produzir as criaturas e os frutos da Terra.

Se a cena primária se converte nos múltiplos equivalentes simbólicos da criação, a fantasia complementar da castração marca todas as privações e perdas que a criança vai sofrendo na sua existência. A castração toma formas precursoras antes de significar a perda do órgão sexual. São experiências equivalentes ao que mais tarde será a castração: o traumatismo do nascimento, a perda do seio e da mãe como objecto confundido com o Eu, a educação esfinteriana que vai retirar à criança a sua primeira produção (as fezes). Quando os órgãos sexuais adquirem pela primeira vez um significado narcísico e de satisfação libidinal, a criança receia perdê-los. Esta crença aparece confirmada por ameaças ou interdições que a impedem de se masturbar e em povos mais primitivos por operações de circuncisão ou subincisão (abertura cruenta de uma solução de continuidade nos órgãos sexuais). As raparigas também se sentem ameaçadas de uma castração mais interna, que afectará o ventre e as capacidades de procriação.

As fantasias da cena primitiva e da castração são alicerces do complexo de Édipo e serão reforçadas em resultado do seu desenvolvimento.

O que é vulgarmente descrito como complexo de Édipo — amor-desejo pelo genitor do sexo contrário, agressividade-desejos-de-morte em relação ao do mesmo sexo — é uma simplificação. Para já há uma mistura de amor-agressividade em relação a cada um dos pais independentemente do seu sexo, o que torna as escolhas objectais sempre conflituais. Há que contar além disso com os sentimentos complementares, contra-edípianos, dos pais que revivem junto dos filhos as suas emoções edípianas.

O complexo de Édipo é no caso dos pais actualizado no casamento, de uma maneira mais satisfatória, e encontra então parcialmente a sua integração e compensação simbólica. Pelo contrário, para a criança (do sexo masculino) o complexo de Édipo é essencialmente uma frustração, leva à renúncia da mãe como objecto de desejo e dá ao jovem a medida das suas limitações, quando comparado com o pai. Fenómenos semelhantes com mais algumas complexidades se verificam no caso da rapariga.

O complexo de Édipo se não é tolerado e ultrapassado significará para a criança uma não aceitação da realidade. Tanto da realidade em si, porque implicando outras frustrações esta realidade vem a ser equacionada com as frustrações edípianas. Como da realidade do próprio Eu que não poderá ser assumida no mundo social, se não houve aceitação das privações edípianas.

O complexo de Édipo na sua universalidade ou mesmo na sua existência foi negado por Malinowski, depois por Marcuse e mais recentemente pelas especulações descabeladas de um Laing ou de um Deleuze e Guattari. Estes últimos autores no seu *Anti-Édipo* afirmam que a existência do complexo de Édipo foi inventada, juntamente com a família, como modo de repressão capitalista. A cura para tal problema seria, para eles, uma existência vivida segundo modalidades semelhantes às da esquizofrenia.

Segundo a teoria de Bolk há no pequeno do homem, à nascença, uma imaturidade muito nítida, em comparação com outras espécies ani-

mais. Este carácter de prematuro natural terá vantagens para o desenvolvimento da criança. O adquirir de uma maturação ao longo de muitos anos, permite à criança obter aptidões que não se desenvolvem em animais que se tornaram adultos mais rapidamente. Em contrapartida, o atraso inicial do desenvolvimento humano vai necessitar cuidados prolongados que têm de ser prestados por adultos, normalmente pelos pais.

Esta longa dependência, estabelecida entre a criança e os adultos vai ser utilizada para favorecer a maturação física e fisiológica. Igualmente para facilitar a evolução da parte psíquica, da sua personalidade, que está ainda longe de ter características permitindo a sobrevivência nos primeiros meses ou anos de vida.

Como se faz a maturação da personalidade? Em parte através de um processo interno, em parte através de influências exteriores entre as quais as mais determinantes são as exercidas pela família. A acção social só se exerce de maneira nítida a partir dos quatro-seis anos de idade, período habitual da entrada na escola. Mesmo para além dessa época em que já surge uma força social actuando sobre o desenvolvimento, a acção da família vai continuar predominando até fases adiantadas da adolescência.

As fases de desenvolvimento da personalidade são descritas pela Psicanálise (Spitz, M. Mahler e outros) como correspondendo aos seguintes estádios iniciais:

1) Estrutura narcísica ou autística em que o bebé não tem contacto com o mundo exterior, a não ser através dos cuidados maternos (até aos dois meses).

2) Estrutura simbiótica (dos dois aos oito meses) em que há a percepção da mãe, não sendo ela porém claramente identificada como independente do bebé (simbiose). A criança reconhece e sorri a outros seres humanos além da mãe.

3) Estrutura de individuação (dos oito meses aos três anos). Começa a haver esboço de personalidade, com independência relativa em relação a influências exteriores. A criança distin-

gue os seres que lhe são estranhos dos não-estranhos (família). Sorri para os familiares, mostra angústia perante os estranhos.

Não podemos recapitular todos os diferentes estádios subsequentes. Apenas vale a pena acentuar que é sobre esta fase de individuação que se vão enxertar os primórdios da organização sexual e o complexo de Édipo. A partir do complexo de Édipo a criança identifica-se com o pai do mesmo sexo e adquire a consciência da sua identidade sexual.

Das lutas desenvolvidas para alcançar a individuação e das identificações resultantes do complexo de Édipo vão sair, para Freud, as duas instâncias reguladoras do comportamento social: O ideal do Eu e o Super-eu. A suposição de que o Super-eu é sempre uma instância persecutória, é falsa. A forma primitiva do Super-eu que é o Ideal do Eu resulta da tentativa de se tornar independente da mãe, assumindo um papel igual ao do pai. O Ideal do Eu é uma forma de ultrapassar a posição passiva do Eu que marca o início da vida. A única forma de o alcançar é desenvolver um Eu onipotente, activo (largamente imaginário), e copiado a partir de uma versão idealizada do pai. Este Eu ideal que não poderá tornar-se efectivo, dará mais tarde, segundo Freud, a ideia e necessidade de... Deus. Tal como Deus, o Ideal do Eu é essencialmente protector.

O Super-eu que é de origem também paternal, retoma no foro íntimo as funções propulsivas e consoladoras do Ideal do Eu e além disso adquire funções punitivas.

Sobre o papel protector do pai na família, diz Freud em *O Futuro de uma Ilusão*, o seguinte:

...«a mãe que satisfaz a fome do bebé, torna-se o seu primeiro objecto de amor e certamente também a sua protecção contra os perigos que o ameaçam no mundo exterior.

Nesta função (protectora) *a mãe é rapidamente substituída pelo pai, mais forte, que retém esta posição durante o resto da infância.* Mas a atitude da criança em relação ao pai é colorida por uma ambivalência particular. *O pai*

constitui uma ameaça para a criança, possivelmente mercê da sua relação precoce com a mãe» (sublinhados nossos).

A importância da sexualidade e da afectividade de uma maneira geral, é muito grande, tornando-se estas os elos mais fortes ligando a criança aos pais e vice-versa. Mas tal como acontece em outras espécies animais há épocas em que as ligações criança adultos são comandadas por necessidades de aprendizagem, de aquisição de aptidões, das quais dependerão o comportamento adaptado e a sobrevivência longe dos adultos. Já o próprio Freud tinha descrito a existência de um período de latência (não sexual) que se estenderia do fim do complexo de Édipo (seis-sete anos) até à puberdade. Na altura da puberdade e adolescência a influência do afectivo e do sexual vai crescer de novo, com renovada força, levando o jovem a afastar-se da família para satisfazer as imposições crescentes do instinto sexual.

Entre outras coisas mais, foi censurado a Freud uma concentração exclusiva sobre o passado de um indivíduo, sem consideração pelos aspectos que vão permitir à pessoa integrar-se no grupo social na época pós-pubertária. Daí resultaria uma explicação feita sempre em termos de influências familiares, exercidas durante os anos de infância. Não é verdade que Freud não tenha considerado as interacções do indivíduo fora da família. Basta considerarmos os seus trabalhos sobre a natureza dos laços sociais (*Psicologia do Grupo e Análise do Eu*), sobre certas anomalias da vida amorosa (*Contribuições para a Psicologia da Vida Amorosa*), sobre a génese da criação artística (ver as suas psicobiografias, por exemplo).

Estes estudos foram completados pelos trabalhos de Erikson em que se mostra que a cultura tradicional agindo junto da família, e paralelamente com esta, procura orientar o funcionamento do indivíduo num determinado sentido, adaptá-lo a situações que ainda estão para vir, prepará-lo para o meio geofísico e social

em que vai viver. Deste modo e por mecanismo que não posso explicar em detalhe, se justifica que no meio americano, por exemplo, as influências sócio-culturais sejam completamente diferentes, no caso da educação tradicional das tribus índias e no caso da educação do americano médio que vive no meio urbano. Se não se verifica a transmissão dessa influência cultural globalizante, surgirá no momento da entrada no meio social que ocorre na adolescência, o que Erikson chama de crise de identidade.

Vários psicanalistas tem escrito sobre aquilo que eles consideram como tendências e orientações sociais que levam a um apagamento da família e a longo prazo à sua abolição. G. Mendel por exemplo, comentou a tendência para o aparecimento de um Poder Social nas sociedades tecnológicas que teria por resultado substituir as funções tradicionais do pai. O surgimento do Poder Social é mais claramente evidente nos países de capitalismo selvagem ou em certos países comunistas. Nas novas formas sociais estabelecidas a criança é considerada como pertencendo ao sistema produtivo ou ao Estado. As diferentes formas do Poder Social reclamam a educação das crianças desde a mais tenra idade, procuram inculcar-lhes uma moral e uma ideologia, tomam a seu cargo a formação ética, a aprendizagem das aptidões básicas, etc. Mais tarde este dirigismo é completado por uma série de medidas incidindo sobre os cidadãos adultos e limitando as liberdades de informação, de decisão, a possibilidade de fazer escolhas políticas.

Com esta evolução se dá em países em que se procura incrementar cada vez mais a industrialização, a influência da mãe e os seus contactos com os filhos também são diminuídos, devido ao trabalho que aquelas têm de fornecer fora de casa.

O que acontece nestas condições às vinculações familiares e às representações dos diferentes papéis sociais que são transmitidos pela família? Em geral as crianças perdem em maior ou menor grau a vinculação familiar e paralelamente desaparecem as representações tradi-

cionais do pai como ligado à racionalidade, ao domínio técnico da natureza, do pai criador da moralidade e da justiça; igualmente desaparecem as noções afectivas e simbólicas da mãe como sinónimo de afecto, prazer, beleza, criação.

Em lugar destas representações estruturantes do pai e da mãe surge o Poder Social onnipotente que se pretende intérprete dos valores, detentor da autoridade — papéis tradicionalmente ligados à figura do pai. Ao mesmo tempo a função maternal provedora de todos os confortos e seguranças é também assumida pelo Poder que toma a forma do Estado-Providência.

O resultado é que o Poder Social passa a representar uma imagem mista do pai e da mãe que se torna intolerável para o indivíduo. É sobretudo sentida a falta do Pai, entidade moderadora entre o indivíduo e a Natureza. A Natureza simbolicamente representa uma mãe primitiva. A inteligência, o pensamento, a ciência, são incarnadas simbolicamente pelo pai. Com o novo Poder Social estas simbolizações ligadas à família apagam-se, e o indivíduo procura em vão novas figuras que sejam ao mesmo tempo carismáticas e individualizadas. Na continuação da tentativa de afastar o fantasma castrador, paternal e maternal, do Poder Social, surgem movimentos auto-gestionários, de defesa do meio natural, de retorno aos costumes simples e primitivos, que não são mais que tentativas de reencontrar a família nuclear, de fugir ao Monstro Social que tudo devora. O indivíduo encontrará um novo complexo de Édipo em que procurará lutar contra o falso Pai representado pelo Estado, para restabelecer o antigo Pai, sentido como reconfortante.

Caso essas tentativas de renovar as ligações com a família e o meio natural falhem, diz Mendel, apenas resta como solução a apatia desumanizada, ou a revolta nihilista e pan-destrutiva voltada contra todas as instituições sócio-culturais.

Não creio que esta visão pessimista de Mendel seja justificada. A par dos excessos deter-

minados pela industrialização desenfreada, e pelos sistemas políticos que a ela se ligaram, o homem até agora tem sido capaz de continuar a lutar pela manutenção da organização familiar. Ao longo da história todas as formas mais extensivas de organização social, a tribo, a cidade, a nação, têm sido obrigadas a admitir a persistência da família, depois de tentativas infrutíferas de se sobreporem a ela.

No entanto o problema existe, devemos manter-nos alertados para fazer face às ameaças da excessiva socialização e defender os limites e programas da nossa organização biológica e psicológica, que não podem ser ignorados.

RESUMO

Neste curto ensaio sobre os temas Psicanálise e Família o autor enumera em primeiro lugar algumas das vantagens do método psicanalítico aplicado ao estudo da família. A psicanálise permite fazer um estudo da família contemporânea com maior dimensão que muitas outras técnicas que têm sido propostas. Consegue recolher por um inquérito aprofundado tanto os elementos anamnésticos, como os elementos com base em fantasias de natureza afectiva que só a confidencialidade analítica consegue abordar.

São tocados em seguida alguns campos mais clássicos que foram desbravados pela Psicanálise:

1) Dinamismos de carácter sexual, como sejam a chamada cena primária, a fantasia de castração, o complexo do Édipo.

2) A família como matriz onde o ser humano, prematuro natural segundo Bolk, se pode desenvolver.

3) A família como transmissora das influências sociais e culturais.

Para terminar são consideradas algumas das incompatibilidades que alguns autores vêem entre a Família e o Poder Social.

RESUMÉ

Dans ce bref essai sur les thèmes Psychanalyse et Famille l'auteur énumère en premier lieu quelques unes des avantages de la méthode psy-

chanalytique appliquée à l'étude de la famille. La Psychanalyse permettra un abordage de la famille contemporaine avec des perspectives plus vaste que d'autres techniques qui ont été aussi proposées. Elle pourra cueillir par une enquête approfondie tant des éléments historiques, que des éléments basés sur des fantasmes que seul le secret analytique parvient à approcher.

Quelques thèmes parmi ceux que la Psychanalyse a défriché sont ensuite esquissés:

1) Dynamismes à caractère sexuel tels la scène primitive, les fantasmes de castration, le complexe d'Oedipe.

2) La famille comme matrice où l'être humain, ce prématuré naturel selon Bolk, parvient à se développer.

3) La famille en tant que transmetteur des influences sociales et culturelles.

Pour terminer on considère les incompatibilités que certains auteurs perçoivent entre Famille et Pouvoir Social.

SUMMARY

In this short essay upon the themes of Psycho-Analysis and of the Family the author enumerates the gains obtained through the use of the psycho-analytic method, when focused upon the family. Psycho-Analysis gives a wider perspective in what concerns the contemporary family than other methods that have been also suggested.

It supplies not only historical data, but also a wealth of fantasies that only the psycho-analytic privacy is able to ensure.

Some topics that have been elucidated more perspicuously by Psycho-Analysis are considered:

1) Dynamics linked to the sexual drives, as the primal scene, fantasies of castration, the Oedipus situation.

2) The family as matrix where the human being, a sort of natural premature baby (Bolk), is able to develop.

3) The family as transmitter of social and cultural influences.

In the end some incompatibilities that have been considered by some authors to exist between the Family and the Social Power are examined.